

CAPÍTULO VIII – O FASCÍNIO DO FEITIÇO QUE AS FORÇAS DO MUNDO DO DESEJO TECEM

Uma voz de barítono clara ressoou num recitativo grosseiro e zombeteiro, acompanhada por suaves sinos de vaca:

– “Calma aí, garoto – calma aí, Sorrel top!

Pois tudo acontece numa vida, minha Polly Ann!

Tão *tweedle-dum* e *tweedle-dee*!

Da moça mais bela ao homem mais corajoso—

(Calma aí, garoto—calma aí) Opa, Nancy Jane!

E se você entrar no caminho?

Bem - bem, eu nunca vi vacas tão grandes!”.

A trilha era estreita; a orla de sabugueiros invadia a vereda sinuosa — as vacas andavam de forma errática — e, com o cair do crepúsculo, Tom tentava acelerar o passo lento do rebanho em direção ao curral. Quem sabe as vacas também têm seus humores! O fato é que, naquele dia, elas haviam se afastado e explorado os limites extremos de seu pequeno mundo, e Tom estava atrasado para a ordenha. Mais uma vez, sua voz rica e sem treinamento entoava trechos de canções — ora sentimentais e comoventes, ora misturadas a versos tolos e jargões disparatados —, enquanto seu rosto alegre e queimado de sol se contraía em sorrisos de canto de boca, sempre que ele fazia uma pausa entre os versos para chamar os animais.

– “Sally, você sabe que eu me importo com você mais do que com qualquer outra coisa, e não gosto de ver você rondando aquele sujeito de Nova York do jeito que faz! Você vive se oferecendo, ficando aqui debruçada no portão à

espera dele passar — e depois inventa desculpas para sair pela estrada atrás dele! Já vi isso muitas vezes e tentei evitar que a mamãe desconfiasse, pois não queria que você levasse bronca... mas, olha, estou começando a perder a paciência com isso!”.

Sarah Thomas permaneceu junto à passagem da cerca até que ele desaparecesse atrás do celeiro; então, lançando um olhar furtivo na direção da casa do leite, ela passou silenciosamente pelas travessas e desceu rapidamente pela estrada da colina.

– “Não consigo evitar!”, murmurou ela, sentindo um leve arrepio de desafio — uma sensação tão nova para aquele coração faminto e reprimido que foi acolhida sem reservas em seu íntimo. Ao chegar a um ponto onde a curva da colina ocultava a casa, ela desviou o caminho para um prado que margeava a estrada. A grama alta envolvia seus pés e estendia-se em longas faixas atrás dela. Uma pequena serpente cruzou velozmente o seu caminho. Quando chegou ao seu mirante favorito — uma grande pedra plana, encravada no prado, com vista para o riacho e as colinas distantes —, ela se sentou e esperou.

– “Não consigo evitar!”, ela repetiu. “Eu o amo, sim — e odeio Tom Gregory! Marozia Remington, agora chegou a minha vez!”.

Muitas emoções conflitantes agitavam-na — inveja, ciúme, ódio —, mas predominava o fascínio do feitiço que as forças do Mundo do Desejo estavam tecendo. Ela olhou rapidamente ao redor.

– “Por que ele não vem? Eu disse para ele me encontrar aqui!”

– “Ele não disse que o faria, mas imagino que vá, quando perceber o quanto o amo!”. Ela esperou até que o tempo que havia tomado para si chegasse ao fim e, então, caminhou lentamente de volta para a estrada, tomada por uma sensação angustiante de vergonha e decepção. Acelerou o passo ao ouvir, de repente, o

som de cascos de cavalo se aproximando e avistar uma figura contornando uma curva da estrada. Uma voz despreocupada chamou:

– “Ah, Sarah, que ar abatido! Aconteceu alguma coisa com o Tom?”. Nenhuma zombaria poderia ter caído de forma mais devastadora sobre um coração; ainda assim, ela tinha uma vaga consciência de que a merecia. Por mais simples que fosse, seu orgulho inato veio em seu socorro.

– “Boa noite, Sr. Rathburn!”, disse ela com a voz tensa, pronta para seguir caminho. Ele imaginou que aquilo lhe proporcionaria um pouco de diversão para os dias de tédio que teria de passar naquele pequeno vilarejo. Por isso, parou e mudou de postura, adotando um ar de interesse fingido.

– “Com pressa, Sarah? Um compromisso com o Tom ou com a mãe dele?”

– “Meu compromisso era com o senhor — mas parece que se esqueceu dele, Sr. Rathburn!”. Ela não tinha sofisticação suficiente para guardar rancor ou deixar o orgulho falar mais alto por muito tempo.

– “É verdade... ah, perdoe minha negligência, minha camponesa rústica!”

Havia zombaria em seu tom, mas ela não percebeu.

– “Imagino que estivesse na casa dos Remington; então, naturalmente, acabou esquecendo!”. Uma pontada de ódio e ciúme acompanhou as palavras. Ele sorriu, intrigado.

– “E se eu estivesse?”

– “Ora, é claro que o senhor tem o direito de ir aonde quiser, mas...”

– “Mas o quê?”

Ela ficou confusa. Não estava acostumada àquela troca de estocadas e defesas. As sutilezas sociais daquele jogo de esgrima verbal lhe eram totalmente estranhas e, como de costume em tais situações, seus pensamentos transpareciam com clareza. Como o típico homem mundano, ele aproveitou a oportunidade para se divertir um pouco mais.

– A propósito, Sarah, você está evoluindo rapidamente! Na verdade, está ficando muito bonita! Você tem trabalhado muito ultimamente?

– Sim.

– O que acha de morar numa casa agradável, onde não precisaria trabalhar pesado — apenas ajudar nas tarefas mais leves? Vou comprar uma casa em breve e colocar a Sra. Reed como governanta. Gostaria de ser assistente dela?

Os olhos da moça brilharam de alegria.

– “Ah, como eu gostaria!”

– “Você perguntou se eu estive na Villa. Acabei de voltar de lá — tive negócios com o Sr. Remington. Parece que ele não vai durar muito! A sorte está contra ele em todos os sentidos!”

Duas pequenas entidades clamavam por acesso ao cérebro de Sarah. Uma era um duende malicioso que sorriu diabolicamente por trás dos olhos dela quando conseguiu entrar. Ele a incitava a se alegrar com a possível queda de um inimigo imaginário.

Apontou Marozia Remington como a “inimiga”. O lampejo momentâneo de triunfo exultante revelou sua presença a Claude Rathburn. Isso traiu o lado feio da, até então, “simples empregada rústica”. Agiu como um paliativo para uma consciência acusadora — como um paliativo agiria, pois, sua consciência nunca o perturbou. Ele havia sido colocado para dormir há muito tempo. Ele estava

começando a sentir um desprezo enojado misturado com diversão quando a outra entidade prevaleceu momentaneamente. Este despertou uma emoção melhor – de pena – não para Marozia, mas para seu pai. Ela exclamou com sentimento:

– “Coitado do professor! Eu gostava tanto dele! E que professor ele era — nunca vi outro igual! Ele me ajudou naquela época terrível em que meu pai me tirou da escola para me pôr na fazenda! Faltava só um ano, e eu queria muito terminar para poder dar aulas. O Sr. Remington me ajudava com geometria e latim fora do horário de aula... mas não adiantou nada! Meu pai dizia que estudar estragava as mulheres — então fui mandada para a casa da Sra. Gregory!”

– “Bem, você não precisa ficar lá muito tempo!”

Seu tom era de indiferença. Por um momento, tentou sentir aquele interesse divertido de antes, mas em vão. Ele havia percebido nela um traço de vulgaridade que transformava o que poderia ter sido apenas um passatempo passageiro em uma megera vulgar em potencial. A expressão de triunfo em seu rosto logo deu lugar a um ar de pavor e desconcerto ao ouvir o assobio de Tom ao longe.

– “Ah, preciso correr de volta para a leitaria, senão a Sra. Gregory vai dar pela minha falta e aí...”

– “Aí ela mandaria o Tom atrás de você, imagino!”

– “Ah, pior do que isso... ela mesma poderia vir!”

Um sorriso divertido surgiu em seu rosto.

– “Consigo até imaginá-la — óculos, chapéu de sol, nariz e todos os outros acessórios — vindo estrada abaixo atrás de você!”.

– “Pois é... não teria graça nenhuma, pode acreditar! Mas... quando posso voltar, Sr. Rathburn?”.

– “Ah, não se preocupe com isso, Sarah! Você sabe que sou um homem bastante ocupado hoje em dia... tenho vários projetos em andamento, na verdade!”

Percebendo o olhar de decepção dela, acrescentou rapidamente:

– “Venha quando tiver vontade e, se eu estiver por aqui, ótimo! Se não... o Tom pode servir.”

– “Queria que o senhor não dissesse essas coisas, Sr. Rathburn! O senhor sabe que eu odeio o Tom Gregory!”

– “Está tudo bem, Sarah... eu estava apenas brincando com você!”

O sorriso que acompanhava as palavras trouxe de volta a luz do sol ao seu coração simples. Enquanto corria pela estrada, sentiu-se subitamente elevada acima de sua existência miseravelmente banal. Um toque de romance havia entrado em sua vida de labuta sórdida. Toda a natureza parecia compartilhar de sua alegria, e o capim alto à beira da estrada, ao roçar em seu vestido, oscilava como se em êxtase.

Tom estava junto à porteira e sorriu de forma significativa quando ela passou. Havia sofrimento e uma nota de pesar naquele sorriso.

– Escuta aqui, Sally... a Mamãe está lá na leiteria esperando por você! É melhor se apressar!

Ela sentiu um súbito desafio ao destino, uma espécie de ousadia desenfreada que a fez desprezar as consequências. Como um animal ferido, Tom virou as costas e subiu, arrastando-se, para o seu sótão no celeiro.

Claude Rathburn cavalgava com desdém pela estrada poeirenta em direção ao vilarejo e resmungava, contrariado:

– Droga... como eu odeio este lugarzinho pacato e tudo o que há nele, exceto... Bem, suponho que terei de suportar tudo isso em nome dos... resultados!